

Os livros-biblioteca de Flaubert e Machado: a figuração do literário.

Luciana Antonini Schoeps
Orientadora: Profa. Dra. Verónica Galíndez Jorge

Este trabalho se propõe a apresentar questões concernentes a nossa pesquisa de Mestrado, financiada pela Fapesp, cujo objetivo é compreender a reapropriação discursiva presente na obra machadiana e flaubertiana, a partir da observação do espaço da biblioteca contemplado segundo dois eixos: o espaço físico da biblioteca como o lugar do contato interdiscursivo e a figuração do literário presente na ficção.

Acerca do primeiro eixo, consideramos que o espaço da biblioteca vai além do lugar onde o escritor se documenta, visando erudição literária ou a recolha de dados verídicos sobre a realidade, pautada por uma relação de mimesis¹, sendo antes o lugar de errância pelos discursos já-escritos, como se a biblioteca fosse o lugar do sonho, como propõe Foucault².

Já o segundo eixo, sobre o qual nos deteremos neste trabalho, considera a figuração do literário como a incorporação na ficção de elementos concernentes ao livro e ao fazer literário, construindo uma metáfora da biblioteca dentro da obra, aspecto que aponta para o caráter autorreferencial e autorreflexivo da literatura. Entre esses livros-biblioteca temos *Bouvard & Pécuchet* de Flaubert e *Memórias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, que poderiam ser assim caracterizados tanto pelo seu intenso trabalho citacional, que constrói o livro feito de livros³, como pelo fato de se debruçarem sobre si mesmos e empreenderem de forma ficcional e paródica uma discussão acerca do processo de escrita e de leitura. A fim de desenvolver essa ideia, nos centraremos na construção do autor ficcional da obra machadiana e sua decorrente ficcionalização do processo de escrita e leitura da obra e na ficcionalização paródica do processo de pesquisa e leitura presente na obra flaubertiana.

Com o recurso ao autor ficcional de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado revela através da paródia uma faceta até então escondida da literatura: a construção autoral, coroada pela assinatura de Brás Cubas forjada na capa do livro. Segundo o crítico Abel

¹ AUERBACH, E. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1994 [1929].

² FOUCAULT, M. La bibliothèque fantastique. In: GENETTE, G; TODOROV, T (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983 [1967], p. 106.

³ Ibid..

Barros Baptista⁴, há uma série de elementos na obra que concorrem para a construção do autor ficcional, ou suposto, a começar pelo título do livro, que instalaria o autor ficcional e seria uma condensação de duas instâncias sobrepostas: a citação do título da obra da personagem – *Memórias póstumas* – e a assinatura do livro – *de Brás Cubas*.

A função autoral, apesar de ter o lugar de instauração no título, aparece reforçada ao longo da obra, desde quando Brás Cubas escreve a famosa dedicatória, até o prólogo ao leitor, paratexto também assinado pela personagem: “Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual **eu, Brás Cubas**, se adoptei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo”⁵.

Ao lado destes, temos outro paratexto que também reforça a autoria de Brás Cubas: o prólogo da quarta edição, a partir da publicação periódica, realmente assinado por Machado, mas no qual ele se exime da responsabilidade pelo livro:

Capistrano de Abreu, noticiando a publicação do livro, perguntava: “As *Memórias póstumas de Brás Cubas* são um romance?” Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigamente as *Viagens na minha terra*. **Ao primeiro respondia já o defunto Brás Cubas** (como o leitor viu e verá no prólogo dele que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quanto ao segundo, **assim se explicou o finado**: “Trata-se de uma obra difusa, na qual **eu, Brás Cubas**, se adoptei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo.” (...).⁶

Dessa forma, a partir do título que coaduna o lugar do autor suposto e quase coincide com o livro que lemos, temos duas decorrências: a exposição do processo de construção de um lugar autoral, simbolizado pela assinatura do autor ficcional, e a exposição do lugar do leitor. Se levarmos em conta a quase coincidência entre os livros operada pelo título, percorremos, ao ler a obra machadiana, o próprio livro que está sendo escrito por Brás Cubas, vendo inclusive nosso lugar de leitor ser a todo momento evidenciado, na constante e conhecida interpelação ao leitor operada pelo narrador, num diálogo no qual este joga, de maneira ficcional, com as possibilidades de leitura de determinado leitor, como se nossa leitura e nossas expectativas de leitura estivessem espelhadas nesse diálogo explicitado, construindo também uma ficcionalização de um percurso possível de leitura. O leitor é então levado a entrever o percurso de construção e

⁴ BAPTISTA, A B. **A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

⁵ ASSIS, M de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1975 [1881], p. 97, grifo meu.

de leitura do romance, passando a observar não apenas o que é dito pela obra, mas a forma como ela foi escrita.

Assim sendo, estabelece-se uma relação muito particular com o literário e com seus elementos, numa narrativa que se dobra sobre si mesma, ficcionalizando o que é próprio da literatura e revelando seu caráter autorreflexivo.

Em *Bouvard & Pécuchet*, a reflexividade volta-se para o enredo: numa estrutura que gira em falso, dois amigos copistas, Bouvard e Pécuchet, após se encontrarem e irem para o campo, passam a se dedicar à leitura sucessiva de temas como agricultura, política, religião, história, ciência, medicina, literatura, percorrendo quase todos os campos do saber e buscando a cada passo ‘aplicar’ o que leem em experiências do cotidiano. Ao cabo de sucessivos malogros, as personagens voltam a copiar toda sorte de discursos, retomando sua antiga função de copista. O que restou da obra foi um romance amorfo, cujas páginas mostram as leituras e experimentações dos dois copistas, como podemos perceber quando eles resolvem se dedicar à agronomia:

Levés dès l’aube, ils travaillaient jusqu’à la nuit, le porte-jonc à la ceinture. (...)

Quelquefois Pécuchet tirait de sa poche **son manuel ; et il en étudiait un paragraphe, debout**, avec sa bêche auprès de lui, **dans la pose du jardinier qui décorait le frontispice du livre**. Cette ressemblance le flattait même beaucoup. Il en conçut plus d’estime pour l’auteur.⁷

Percebemos nesse trecho que a leitura que visa uma aplicação numa experiência do mundo empírico está ligada a uma postura que prevê que os discursos estabelecem uma relação direta com o real, abordagem ilustrada pela atitude de Pécuchet, que não consegue se desvencilhar dos livros em meio ao trabalho no campo.

Assim, sem perceberem o engodo no qual sempre caem, as duas personagens mostram um desfilar discursivo, com a inclusão em suas falas de citações e trechos de toda a sorte de discursos científicos, delineando a forma pela qual eles pesquisam e leem, mostrando como se inclui e se amalgama discursos díspares num só discurso, como no excerto a seguir, no qual eles decidem aprender química:

Pour savoir la chimie, ils se procurèrent **le cours de Regnault** – et apprirent d’abord que « les corps simples sont peut-être composés ».

On les **distingue** en métalloïdes et en métaux, - différence qui n’a « rien d’absolu », **dît l’auteur**. De même pour les acides et les bases, « un corps

⁶ Ibid., p. 108, grifo meu.

⁷ FLAUBERT, G. **Bouvard et Pécuchet**. Paris: Gallimard, 1979 [1881], p. 97, grifo meu.

pouvant se comporter à la manière des acides ou des bases, suivant les circonstances ».

(...)

Et ils recoururent à **un ouvrage moins difficile, celui de Girardin** – où ils acquirent la certitude que dix litres d'air **pèsent** cent grammes, qu'il n'**entre** pas de plomb dans les crayons, que le diamant n'**est** que du carbone.

Ce qui les ébahit par-dessus tout, c'est que la terre comme élément n'**existe** pas.⁸

Observamos a profusão de discursos e a indiscriminada acumulação de citações, com a presença de referências nominais aos livros lidos e citações, com aspas, além de frases que não definimos se se trata do narrador relatando os discursos alheios, de um discurso indireto livre com o relato dos discursos, ou de citações sem aspas dos livros lidos, num apagamento das referências e mescla de vozes, já que o tempo verbal empregado, o presente do indicativo, é sempre o mesmo. Percebe-se também que os trechos citados, desconexos de seus discursos de origem, adquirem o estatuto de máximas gerais que se confrontam umas com as outras, denotando a nulidade do saber humano acumulado.

Dessa forma, o leitor, ao perceber a ironia e a paródia cunhada pelo romance, é levado a questionar seu procedimento de leitura, a observar a problemática profusão de discursos inseridos no romance e a notar que a obra flaubertiana se constrói sobre uma teia de discursos, sem os quais a ficção fica inviabilizada. A estrutura da obra evidencia seu maquinário ao mostrar a maneira como se faz um romance a partir da inserção de discursos que entram na trama literária e passam a ser regidos pela lógica do ficcional, perdendo seu valor de documento e seu caráter de erudição.

Assim, tanto em Machado como em Flaubert, vislumbramos obras autorreflexivas e autorreferenciais, que mostram a literatura defronte ao espelho, espelhando sua forma, seu modo de se construir e sua maneira de ser lida.

⁸ Ibid., p. 116, grifo meu.